



A necrópole medieval da Casa Romana do Castro de São Domingos (Lousada): resultados preliminares das campanhas de escavação 2017-2021

PAULO ANDRÉ PINHO LEMOS¹

MANUEL NUNES²

BRUNO M. MAGALHÃES³

1 Arqueólogo. Coordenador do projeto de investigação “Escavação, estudo e musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos”.

2 Arqueólogo.

3 Arqueólogo/Antropólogo. Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra. CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde da Universidade de Coimbra.

RESUMO

No presente artigo dão-se a conhecer os resultados preliminares da intervenção na necrópole identificada durante as campanhas arqueológicas realizadas no Castro de São Domingos (Lousada, Portugal), entre 2017 e 2021, no assentamento romano situado a meia encosta do monte. As escavações, enquadradas no projeto de investigação “Escavação, estudo e musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos”, sob a coordenação científica do primeiro autor, permitiram identificar, pelo menos, 17 sepulturas, cronologicamente enquadráveis na Alta Idade Média, mas, infelizmente, sem qualquer vestígio osteológico humano preservado.

PALAVRAS-CHAVE

Idade do Ferro; Época Romana; Alta Idade Média; necrópole; sepulturas.

ABSTRACT

This work presents the preliminary results of the archaeological excavation carried out at the burial ground of the Castro de São Domingos (Lousada, Portugal) between 2017 and 2021 within the limits of the Roman settlement located in the half-slope platforms of the archaeological site. The excavation, which is part of the research project “Excavation, study and musealization of the Roman House of Castro de São Domingos” coordinated by the first author, led to the discovery of at least 17 graves from the High Middle Ages, but unfortunately without human osteological remains preserved.

KEYWORDS

Iron Age; Roman period; High Middle Ages; burial ground; graves.

1. O Castro de São Domingos: breve resenha histórica

Apesar das Inquirições de 1258 aludirem ao Castro de São Domingos, revelando que “Item, dixit quod habetur ibi unum crastum et fuit populatum: et dixit quod omnes qui morantur in ipsa villa partierunt illud inte se et laborarant illud” (Academia das Ciências de Lisboa, 1888-1897, p. 542), é apenas nos inícios do século XVIII que o padre Carvalho da Costa (1706, p. 382), a propósito da freguesia de Cristelos, tece os primeiros comentários “científicos” acerca do sítio arqueológico: “Aqui está o Monte de Crasto de S. Domingos, que tomou este nome de huma Capella que teve deste Santo: tem sinais de fortificação, que pelo nome suppomos ser dos Romanos”. Já no último quartel do século XIX, Augusto Barbosa de Pinho Leal (1874, p. 450) reitera as informações veiculadas pelo padre Carvalho da Costa, dando conta que “N’esta freguezia ha o monte do Crasto, onde ha vestígios de fortificações, do tempo dos romanos”. Poucos anos depois, após visita ao local, presumivelmente entre 1880 e 1882, Francisco Martins Sarmento identifica o Castro de São Domingos pela primeira vez na literatura científica (Cardozo, 1947, p. 56). Em 1887, Augusto Viera (1887, p. 355) acrescenta que “No monte do Crasto ha vestígios de fortificação antiga, romana provavelmente conforme o proprio nome e até o da freguezia o estão dizendo”.

Já no século XX diversos autores debruçam-se sobre o povoado (Peixoto, 1913, p. 1; Lanhas, 1971, p. 575; Silva, 1986, p. 84; Dias, 1997, p. 302), com destaque para Domingos de Pinho Brandão que, em 1957, se tornou o primeiro autor a proceder à recolha de materiais arqueológicos (Mendes-Pinto, 2008, p. 51), espólio que viria a ser depositado no Museu do Seminário Maior e alvo de um primeiro estudo por parte de Adília Alarcão (1958, pp. 262-264). Apesar destes primeiros contributos científicos, o Castro de São Domingos apenas seria objeto de uma investigação continuada entre 1994 e 1998, graças às campanhas de escavações arqueológica levadas a cabo por Marcelo Mendes-Pinto e, já no século XXI, entre 2009 e 2011, através das campanhas dirigidas por Paulo Lemos, Manuel Nunes e Joana Leite (2015), e, a partir de 2017 até à presente data, pelas intervenções orientadas por Paulo Lemos (2020a).



Figura 1. Localização do concelho de Lousada e vestígios medievais existentes no concelho.

2. O Castro de São Domingos e a sua Casa Romana

O Castro de São Domingos constitui o maior e mais bem preservado povoado proto-histórico identificado ao longo da bacia do Mezio, território que atualmente se insere, na sua quase totalidade, no concelho de Lousada. Apesar da intensa presença humana, o povoado preserva importantes vestígios associados ao povoamento da Idade do Ferro, correspondentes às denominadas Fases IIA e IIB (do século VI a.C. à segunda metade do século III a.C.) e Fases IIIA e IIIB (do século II a.C. à segunda metade do século I a.C.) da “cultura dos castros” (Silva, 1986, pp. 65-66), que, por volta do século II a.C. e sensivelmente até à segunda metade do século I a.C., portanto, já no quadro da romanização, vive o seu período *optimum* (Martins, 1990, p. 206).

A conquista e conseqüente destruição do povoado, provavelmente no decurso das Guerras Cantábricas (26-19 a.C.), é apontada por Mendes-Pinto (2008, p. 60) como ponto de partida para a sua reorganização espacial, que levará ao abandono paulatino da coroa do monte em favor das plataformas da meia encosta. Será então no decurso deste processo de reordenamento que se terá verificado a construção de um polo habitacional implantado na encosta virada a sudeste – localmente denominado de Casa Romana do Castro de São Domingos¹ e inserido na área de proteção do sítio arqueológico –, cuja descoberta e escavação, na sequência de ações de terraplanagem com vista à construção de um prédio de habitação, revelaram uma área arqueológica de lata cronologia, de onde sobressaíram, desde o início, diversas dependências de uma estrutura habitacional romana (séculos I a III d.C.), que apropriara um pátio lajeado e uma antiga habitação circular da Idade do Ferro (século I a.C.) (Mendes-Pinto, 2008, p. 55-56).

Entre 2017 e 2020, a implementação do projeto de investigação “Escavação, estudo e musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos” permitiu subsidiar consideravelmente o conhecimento acerca da ocupação humana deste polo, tendo os trabalhos revelado uma multiplicidade de níveis ocupacionais de distintas cronologias de Época Romana e da Idade do Ferro. Do período romano datam duas novas estruturas habitacionais, enquanto do período da Idade do Ferro foram identificadas mais de uma dezena de estruturas habitacionais, agregadas em núcleos familiares e distribuídas por três fases ocupacionais distintas. Associadas a estas estruturas encontram-se pisos de circulação em saibro compacto e em terras barrentas, argilosas cozidas *in situ*, com indícios de combustão e, em quatro situações, pátios abertos e lajeados, circunscritos por muros.

Anterior a todas estas realidades foram identificadas 63 fossas de morfologia variável escavadas no geológico natural, ocupando o espaço de forma aparentemente aleatória (Nunes, *et al.*, 2011, p. 63; Lemos e Pereira 2017, pp. 41-45; Lemos e Pereira 2018, pp. 31-33, 42-43; Lemos, 2020a, pp. 6-7). A diversidade de formas e dimensões está

¹ Localizado na União de freguesias de Cristelos, Boim e Ordem, concelho de Lousada e distrito do Porto, o Castro de São Domingos (41°16'31.50"N; 08°17'45.96"O) retira o nome de uma antiga capela que terá existido no topo do monte, dedicada a São Domingos (Sarmiento, 1999, p.138).

relacionada com diferentes aspetos da sua funcionalidade, enquadrando-se cronologicamente em fase anterior à da totalidade das estruturas habitacionais indígenas aqui presentes (século I a II a.C.), muitas delas edificadas diretamente sob as unidades de depósito existentes nas referidas fossas (Nunes, *et al.*, 2011, pp. 81-82). Esta realidade remete-nos para um horizonte cultural provavelmente coevo das comunidades da Idade do Bronze Final (Martins, 1988, p. 79) e reforça a ideia de uma certa continuidade entre este período e a Idade do Ferro (Dinis, 2001, p 122).

Finalmente, no decurso da campanha de 2017 foi detetado, no extremo sudeste da área da Casa Romana, parte de uma necrópole medieval composta por 17 sepulturas, das quais foram escavadas 14 (n.ºs 1, 2, 3, 6 e 8 a 17). É sobre estas estruturas funerárias, cujos contornos crono-culturais começamos agora a compreender, que se centra o esforço interpretativo do presente trabalho.

3. Tumulações medievais em Lousada: o estado da arte

No concelho de Lousada são relativamente poucos e localizados os vestígios arqueológicos identificados com tumulações da Época Medieval. Como se depreende da análise do mapa de distribuição dos vestígios tumulares medievais no território de Lousada, persistem amplas áreas do concelho onde o vazio informativo renova velhas interrogações sobre não apenas os rituais de morte e da sua conceção material durante a Idade Média, mas também, e em particular, dos pressupostos socioculturais que os ditaram *in tempore*. A esta situação não é alheio o facto de a quase totalidade dos vestígios arrolados até à data se encontrar destituída de qualquer contextualização crono-estratigráfica, possibilitando pouco mais que leituras e interpretações circunstanciais.

É neste quadro que situamos alguns elementos já veiculados na bibliografia especializada: os arcazes monolíticos identificados nas proximidades das Igrejas Paroquiais de Sousela, Macieira e Torno e ainda da Quinta de Padrões (Meinedo)², bem como as sepulturas escavadas na rocha detetadas no lugar do Irmeiro (Boim) e em São Miguel (adro da Igreja Paroquial de São Miguel) (Mendes-Pinto, 1992; Nunes, Sousa e Gonçalves, 2006, pp. 47-48; Sousa, Nunes e Gonçalves, 2006, pp. 3-4; Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008a, pp. 92-93, 138, 140-141, 196-197, 206, 213). Para além destes achados, cabem ainda neste rol os vestígios conotados com espaços sepulcrais, como as duas lápides funerárias provenientes de Santo Tirso de Meinedo (Barroca, 2000, pp. 130-131)³, a laje sepulcral da Igreja de Cernadelo (Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008a, p. 102) e ainda os elementos com iconografia funerária da Igreja de São Miguel, designadamente as duas

² Dois dos três sarcófagos surgidos na Quinta de Padrões, em Meinedo, encontram-se atualmente depositados no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães (Cód. Inv. 127 e 128) (Cardozo, 1985, pp. 133-134).

³ Estas lápides funerárias encontram-se, segundo Mário Barroca, depositadas no Museu do Seminário Maior do Porto.



Figura 2. Lápide funerária proveniente de Santo Tirso de Meinedo (Miranda, década de 1940b).



Figura 3. Estela funerária proveniente de Santo Tirso de Meinedo (Miranda, década de 1940a).

lajes sepulcrais (Miranda, 1937, p. 9; Lanhas, 1971, pp. 574-575; Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008a, pp. 196-197) atualmente depositadas no jardim da Casa de Ramalde, no Porto (ver figuras 5 e 6), e a recentemente revelada laje/estela embutida na ombreira interior da porta norte da mesma igreja (ver figura 7). Relativamente às duas lápides funerárias de Meinedo referidas por Mário Barroca, cujas fotografias originais, da autoria de Abílio Miranda, aqui se reproduzem pela primeira vez⁴, acresce um terceiro elemento inédito: uma imagem incompleta de uma provável estela funerária registada por Abílio Miranda no mesmo local das duas epígrafes anteriores, com a indicação lacónica de “Meinedo” inscrita no verso (ver figura 4).



Figura 4. Lápide funerária inédita proveniente de Santo Tirso de Meinedo (Miranda, década de 1940c).

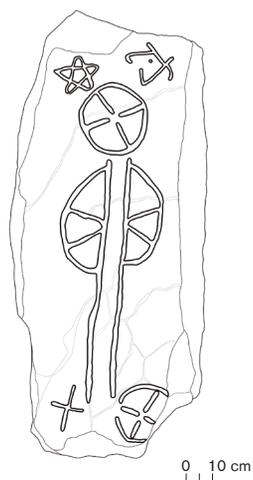
Mais recentemente foram identificados três necrópoles e um novo sarcófago monolítico, este último inédito:

I. Em Alvarenga, na envolvente à Igreja Paroquial de Santa Maria, foram identificadas três sepulturas *in situ* e uma laje sepulcral medieval (Nunes e Lemos, 2012, p. 2).

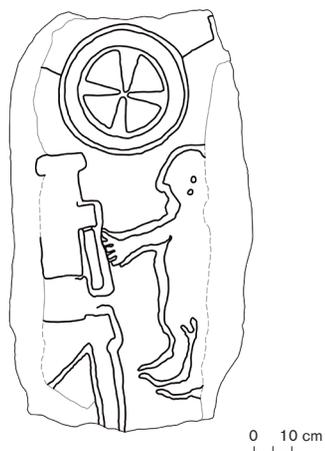
II. Na freguesia de Aveleda, no adro da Igreja do Salvador, foram realizados trabalhos arqueológicos que permitiram atestar a existência de uma primeva necrópole medieval com reutilização até ao século XX (Sousa, 2016, pp. 81).

III. No adro da Igreja Paroquial de Santo André, freguesia de Cristelos, trabalhos arqueológicos aí realizados, entre 2016 e 2018,

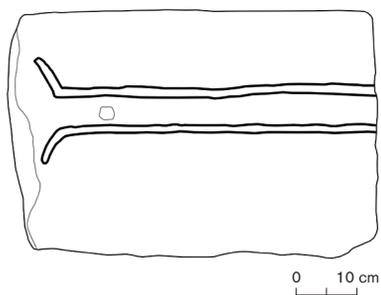
⁴ Agradecemos ao Museu Municipal de Penafiel, na pessoa da sua diretora, Dra. Maria José Santos, a disponibilização das fotografias para publicação.



Figuras 5a e 5b. Fotografia e desenho da laje sepulcral de São Miguel n.º 1.



Figuras 6a e 6b. Fotografia e desenho da laje sepulcral de São Miguel n.º 2.



Figuras 7a e 7b. Fotografia e desenho de uma provável laje/estela funerária onde se verifica a presença de um elemento decorativo (possível arranque de pé alto de uma cruz) que terá sido truncado pelo reaproveitamento do silhar na umbreira esquerda da porta norte da Igreja de São Miguel.

permitiram identificar três sepulturas baixo-medievais escavadas no substrato geológico (Lemos, 2020b, p. 134).

IV. Na freguesia de Santo Estêvão de Barrosas, na Quinta da Longra, foi identificado um arcaz monolítico de cronologia medieval (Lemos, 2015, p. 162).

Na envolvente à Igreja Paroquial de Santa Maria de Alvarenga foi localizado, num talude fronteiro ao templo, um conjunto de três sepulturas escavadas diretamente no substrato geológico, seccionadas transversalmente e cobertas por lajes graníticas. Tendo em conta as características gerais destas sepulturas (escavadas no nível geológico natural e com cobertura compósita de lajes de granito), estaremos em presença de um núcleo de enterramentos enquadrável na Baixa Idade Média (Batista e Gaspar, 2000, pp. 35-36), mais concretamente do século XIII, conforme atesta o fragmento cerâmico recolhido durante o processo de limpeza da sepultura 2, cuja tipificação se encontra estabelecida para contextos crono-culturais semelhantes (Rodrigues e Rebanda, 1998, p. 102). No mesmo espaço funerário, no muro de limitação do adro, foi detetado um fragmento de laje sepulcral (séculos XIII-XIV) de feição retangular, decorado na face com uma cruz de braços retos inscrita em círculo, com pé alto central sulcado, que se estende a todo o comprimento⁵.

No adro da Igreja do Salvador de Aveleda, a intervenção arqueológica aqui desenvolvida, entre 2011 e 2012, no âmbito do projeto “Igreja de Aveleda – Trabalhos gerais de manutenção e minimização de barreiras arquitetónicas”, da responsabilidade da Rota do Românico, teve como objetivo a salvaguarda e minimização do eventual impacto negativo sobre os vestígios arqueológicos e osteológicos detetados (Sousa, 2016, p. 63). Da intervenção realizada resultou a identificação de cerca de 80 sepulcros cronologicamente enquadráveis na Baixa Idade Média, ainda que o processo de tumulação da maior parte do espaço, à semelhança do que se constata noutros adros, tenha perdurado até aos começos do século XX (Sousa, 2016, p. 81).

A intervenção arqueológica realizada no adro da Igreja de Santo André de Cristelos, entre 2016 e 2018, no âmbito do projeto de requalificação do respetivo adro, permitiu a identificação de um conjunto de sepulturas baixo-medievais. A intervenção comprovou o uso cemiterial da área envolvente à igreja pela identificação de três sepulturas escavadas no substrato geológico. A sepultura 1, a única intervencionada, estava a menos de um metro da atual cota de circulação, ostentando forma antropomórfica, enquanto nas sepulturas 2 e 3 foram inumados indivíduos não adultos (Lemos, 2020b, pp. 128-132).

O sarcófago identificado na Quinta da Longra, na freguesia de Santo Estêvão de Barrosas, aquando do projeto de inventário do património da freguesia de Santo Estêvão de Barrosas (Lemos, 2015, p. 162), corresponde a um arcaz monolítico esculpido em granito, sem tampa nem decoração. É proveniente da Quinta das Lameiras, em Guimarães, de onde terá sido removido no início do século XXI. Apresenta uma tipologia não

⁵ Apesar de, localmente, este elemento funerário ser conhecido como a “chave”, estamos, efetivamente, perante um fragmento de laje sepulcral em tudo semelhante a outros já inventariados na região do Baixo Minho (Fontes e Pereira, 2009, pp. 81-83).

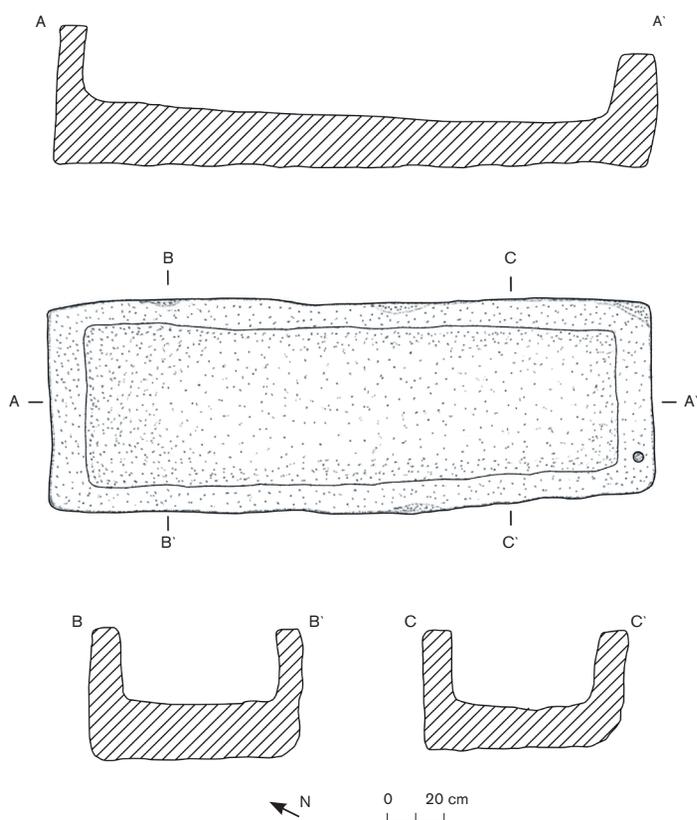


Figura 8a e 8b. Fotografia e desenho do sarcófago identificado na Quinta da Longra (Santo Estêvão de Barrosas).

antropomórfica e contorno retangular. O arcaz encontra-se em bom estado de preservação, tanto ao nível da parede lateral e cabeceira como do leito. Na zona interna, na área de contacto entre as paredes e o leito, os ângulos apresentam-se suavizados. O leito apresenta uma inclinação que se acentua no último terço, acompanhando a diferença de altura dos tops – 48 cm na zona da cabeça e 40 cm na zona dos pés. O sarcófago encontra-se assente sobre dois silhares octogonais e desempenha atualmente as funções de pia de água, razão pela qual lhe foi incorporada uma torneira.

4. A necrópole medieval: métodos e procedimentos

Os trabalhos arqueológicos relacionados com a necrópole medieval da Casa Romana foram realizados entre junho de 2017 e outubro de 2021 e enquadrados nas campanhas anuais de escavação realizadas no decorrer do projeto (2017, 2018, 2020 e 2021). As ações de escavação foram efetuadas de acordo com as técnicas de escavação e registo arqueológico desenvolvidos por Edward C. Harris (1979). Os materiais provenientes da intervenção passaram por um processo faseado de tratamento, que abrangeu lavagem, fotografia, desenho, marcação individual com sigla da intervenção, quadrado e UE (ex.: CD.CR.20 R21 UE 500) e, finalmente, a inventariação individual e respetiva inclusão numa base de dados.

A implantação da quadrícula de escavação, em malha ordinária de 2 m x 2 m, obedeceu a um esquema de coordenadas alfanuméricas corrente, orientado pelos eixos noroeste-sudeste (a que foram atribuídas letras) e nordeste-sudoeste (a que foram atribuídos números). O levantamento altimétrico do terreno e da intervenção foi realizado com base em cotas absolutas, obtidas a partir do topo do muro em blocos de cimento com cerca de 1 metro de altura, que delimita o terreno onde se implanta a Casa Romana, no seu limite nordeste, correspondente à UE 070, referenciado com a cota 260,17 metros.

5. Resultados

Das 17 sepulturas identificadas foram escavadas 14 (n.ºs 1, 2, 3, 6 e 8 a 17). No interior das sepulturas escavadas não foram encontrados ossos humanos nem espólio cerâmico associado ao defunto. O espólio cerâmico exumado provém, em exclusivo, dos depósitos de enchimento, não sendo, por isso, coevo da inumação.

As sepulturas 9 e 10 têm compleição trapezoidal, que acompanharia, genericamente, a forma do corpo humano, enquanto as sepulturas 1 a 3, 6 a 8 e 11 a 17 apresentam forma subretangular. Estas últimas foram abertas diretamente no geológico natural, ainda que tenham afetado unidades e/ou níveis de ocupação cronologicamente atribuíveis à Idade do Ferro durante o processo de desaterro. A base destes sepulcros corresponde, na sua generalidade, ao substrato geológico, ainda que, na base das sepulturas 1 (cabeceira) e 3 (parte central e pés), sejam perceptíveis remanescências de unidades relacionadas com anteriores estruturas habitacionais circulares do período do Ferro.

A maioria das sepulturas caberia a indivíduos adultos, embora se registem, pelo menos, dois casos de inumação de não adultos (sepulturas 8 e 17). A secção das sepulturas intervencionadas apresenta formato retangular, com fundos planos e lados paralelos, erigidos com recurso a material litológico de granito e corneana de média a grande dimensão, em parte resultante do reaproveitamento de materiais de estruturas da Idade do Ferro e de Época Romana. Para além disso, algumas das sepulturas registam a presença de material cerâmico de construção reaproveitado, nomeadamente *tegulae*.



Figura 9. Ortofotografia da área correspondente à necrópole medieval do Castro de São Domingos (Silva, 2021).

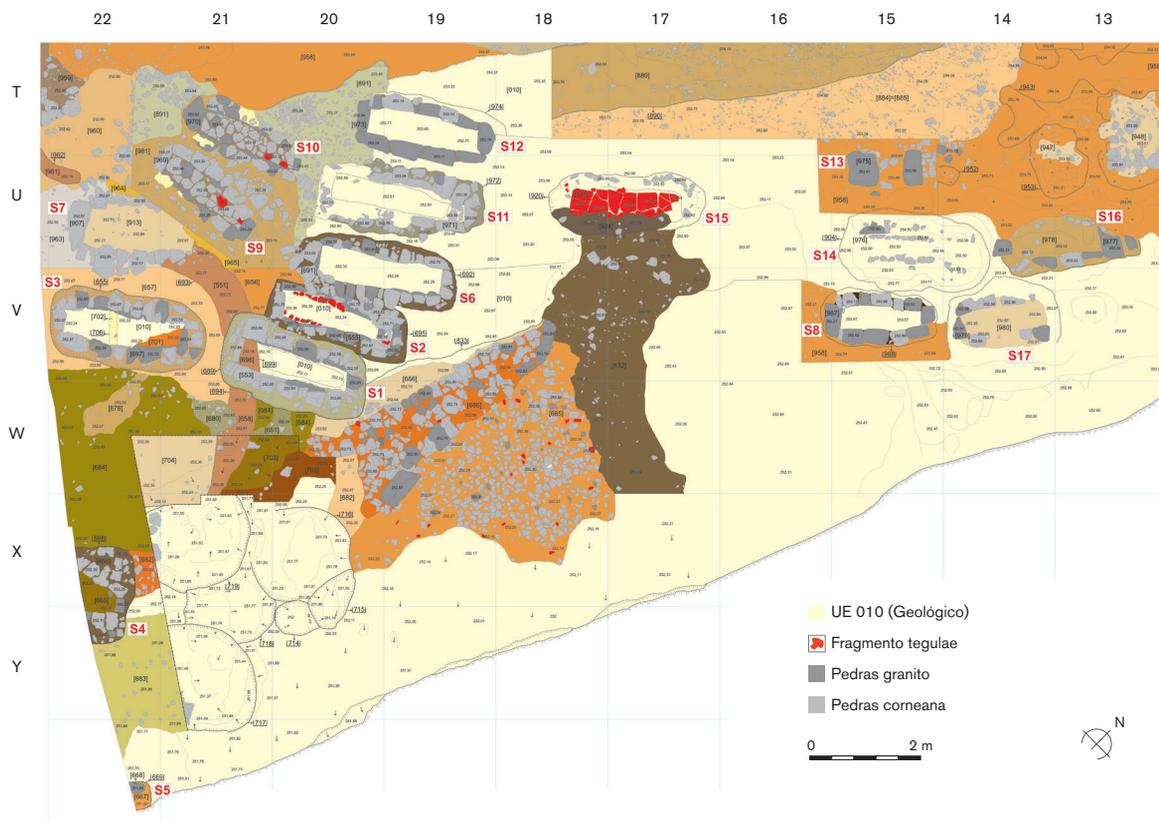


Figura 10. Desenho da área correspondente à necrópole medieval do Castro de São Domingos.

As sepulturas 2, 6, 12 e 13 ostentavam lajes da tampa de cobertura também em granito e corneana. No caso dos sepulcros 2 e 6, as tampas encontravam-se presentes apenas no último terço, junto aos pés, sinal evidente de violação. De resto, com exceção das sepulturas 12 e 13, todas as demais apresentavam sinais de violação.



Figura 11. Muro [686] delimitador do limite este da necrópole medieval do Castro de São Domingos.

Ainda uma referência para a estrutura [686], identificada no limite sudeste da área da necrópole e que se encontra a circunscrever parcialmente as sepulturas desse setor (sepulturas 1 e 2). Este muro, de cronologia medieval, parece configurar a delimitação do espaço associado à necrópole, ainda que se tenha preservado apenas uma extensão com cerca de 4 metros de comprimento. A estrutura, orientada no sentido norte-sul, apresenta 1,70 metros de largura máxima e 0,50 metros de altura máxima e corresponde a um amontoado de pedras estruturadas, mas não argamassadas, com ocasionais fragmentos de *tegulae* envoltos por terras.

Os 17 sepulcros identificados na necrópole da Casa Romana distribuem-se por três fases distintas de enterramentos, evidenciando uma diacronia ocupacional relativamente ampla.

A fase I, a mais antiga, é representada pela sepultura 15, integralmente escavada no geológico. Apresenta a base construída unicamente por 12 fragmentos de *tegulae*, dispostos de forma invertida e muito fragmentados. Na generalidade, exibem tonalidade laranja-escuro, com grão médio a grosso. Esta base foi assente parcialmente sobre o geológico e sobre uma unidade de depósito constituída por terras heterogéneas, compactas, argiloarenosas, de grão fino e cor cinza-escuro com manchas de tonalidade laranja. Esta sepultura foi profundamente afetada pelas ações de plantio de Época Contemporânea, que lhe alteraram profundamente a sua tipologia construtiva, apenas subsistindo, tal como mencionado, a sua base.

A fase II corresponde à fase intermédia de ocupação do espaço cemiterial e é representada pelas sepulturas 1, 2, 3, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 16 e 17. Sendo difícil estabelecer

Sepultura	Orientação	Dimensões internas (metros)				Material construtivo	Material recolhido	
		Comprimento	Cabeceira (largura)	Pés (largura)	Profundidade		Espólio funerário	Outro material
1	SO-NE	1,66	0,42	0,38	0,54	Granito e corneana	Inexistente	10 fragmentos cerâmicos (Idade do Ferro) e 3 fragmentos de <i>tegulae</i> (Época Romana)
2	SO-NE	1,74	0,42	0,20	0,42	Granito, corneana e <i>tegula</i>	Inexistente	2 fragmentos de <i>tegulae</i> (Época Romana)
3	SO-NE	1,74	0,40	0,32	0,46	Granito e corneana	Inexistente	50 fragmentos cerâmicos (Idade do Ferro) e 5 fragmentos de <i>tegulae</i> (Época Romana)
4	SO-NE					Não intervencionada.		
5	SO-NE					Não intervencionada.		
6	SO-NE	1,90	0,54	0,45	0,70	Granito e corneana	Inexistente	10 fragmentos cerâmicos (Idade do Ferro) e 1 fragmento de <i>tegula</i> (Época Romana)
7	SO-NE					Não intervencionada.		
8	SO-NE	1,30	0,35	0,21	0,50	Granito e corneana	Inexistente	1 fragmento cerâmico (Época Romana)
9	O-E	1,52	0,30	0,26	0,36	Granito, corneana e <i>tegula</i>	Inexistente	6 fragmentos cerâmicos (Época Romana)
10	O-E	1,68	0,42	0,26	0,38	Granito, corneana e <i>tegula</i>	Inexistente	10 fragmentos cerâmicos (Idade do Ferro), 1 fragmento de <i>terra sigillata</i> , 1 peça de jogo e 8 fragmentos de <i>tegulae</i> (Época Romana)
11	SO-NE	1,90	0,40	0,34	0,51	Granito e corneana	Fivela em bronze	21 fragmentos cerâmicos (Idade do Ferro e Época Romana), 2 fragmentos de <i>imbrices</i> e 1 fragmento de escória (Época Romana)
12	SO-NE	1,76	0,38	0,36	0,58	Granito e corneana	Inexistente	4 fragmentos cerâmicos (Época Romana)
13	SO-NE	1,78	0,34	0,26	0,50	Granito e corneana	Inexistente	1 fragmento cerâmico (Idade do Ferro)
14	SO-NE	1,80				Granito e corneana	Inexistente	49 fragmentos cerâmicos e 1 peça de jogo (Idade do Ferro e Época Romana), 26 fragmentos de <i>tegulae</i> e <i>imbrices</i> e 2 fragmentos de escória (Época Romana);
15	SO-NE	1,90	0,50	0,50	Indeterminada	Corneana e <i>tegula</i>	Inexistente	3 fragmentos de <i>tegulae</i> (Época Romana)
16	SO-NE	1,74	0,36	0,29	0,50	Granito e corneana	Inexistente	4 fragmentos cerâmicos (Idade do Ferro)
17	SO-NE	1,24	0,30	0,25	0,44	Granito e corneana	Inexistente	1 fragmento cerâmico (Idade do Ferro)

Tabela 1. Características das sepulturas da necrópole medieval do Castro de São Domingos.



Figura 12. Sepultura 15 da necrópole medieval do Castro de São Domingos. Plano final.

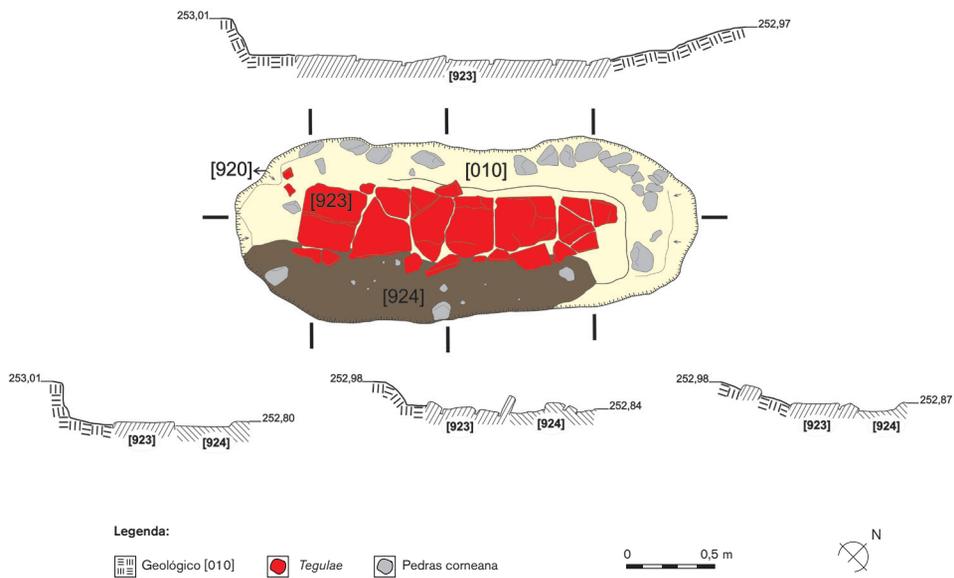


Figura 13. Desenho da sepultura 15 da necrópole medieval do Castro de São Domingos.



Figura 14. Sepultura 2 da necrópole medieval do Castro de São Domingos. Plano final.

sequências cronológicas entre os diversos sepulcros, dado que não foi registado qualquer entrecruzamento ou afetação entre a maioria das estruturas, é possível, ainda assim, determinar que a sepultura 2 corresponde ao derradeiro momento de enterramento desta fase construtiva. A construção da sepultura 2, estruturada em granito e corneana, trancou, ainda que parcialmente, as sepulturas 1 e 6. Esta sepultura estava preenchida por dois depósitos distintos, apresentando ainda parte das lajes de cobertura, composta por duas pedras, uma de granito e uma de corneana, ambas de grandes dimensões (0,60 m x 0,30 m).

A sepultura 1 revelou apenas uma unidade de preenchimento, que forneceu escasso espólio cerâmico não associado à inumação.

Para a construção da sepultura 3 foi aberta uma interface/vala de forma ovalada (com 2,50 metros de comprimento e largura média de 1,20 metros). Não obstante a



Figura 15. Sepultura 1 da necrópole medieval do Castro de São Domingos. Plano final.



Figura 16. Sepultura 3 da necrópole medieval do Castro de São Domingos. Plano final.

ausência das lajes de cobertura, o sepulcro apresenta-se, estruturalmente, em bom estado de preservação. O interior estava preenchido por duas unidades diferentes.

A sepultura 6, estruturalmente em bom estado de preservação, estava preenchida por dois depósitos distintos, apresentando ainda parte das lajes da tampa de cobertura, composta por uma pedra de granito de grandes dimensões localizada na zona do terço inferior (0,65 m de comprimento e 0,40 m largura).



Figura 17. Sepultura 6 da necrópole medieval do Castro de São Domingos. Plano final.

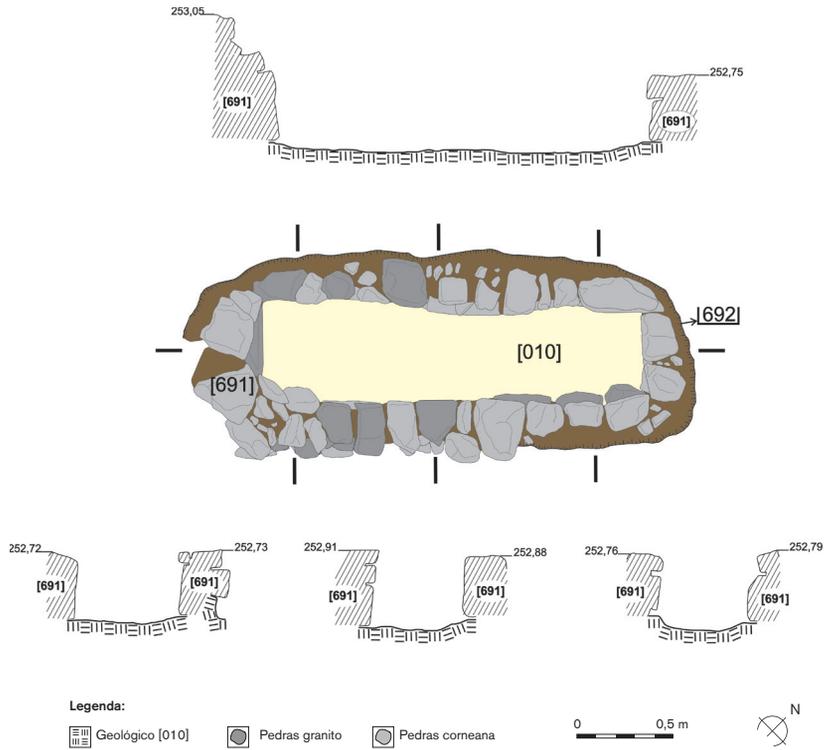


Figura 18. Desenho da sepultura 6 da necrópole medieval do Castro de São Domingos.

A sepultura 8 revelou o preenchimento por duas unidades deposicionais. Dadas as suas reduzidas dimensões, este sepulcro aparenta corresponder a um enterramento de um indivíduo não adulto. Esta realidade parece ser extensível ao sepulcro 17, que lhe é contíguo.



Figura 19. Sepultura 8 da necrópole medieval do Castro de São Domingos. Plano final.

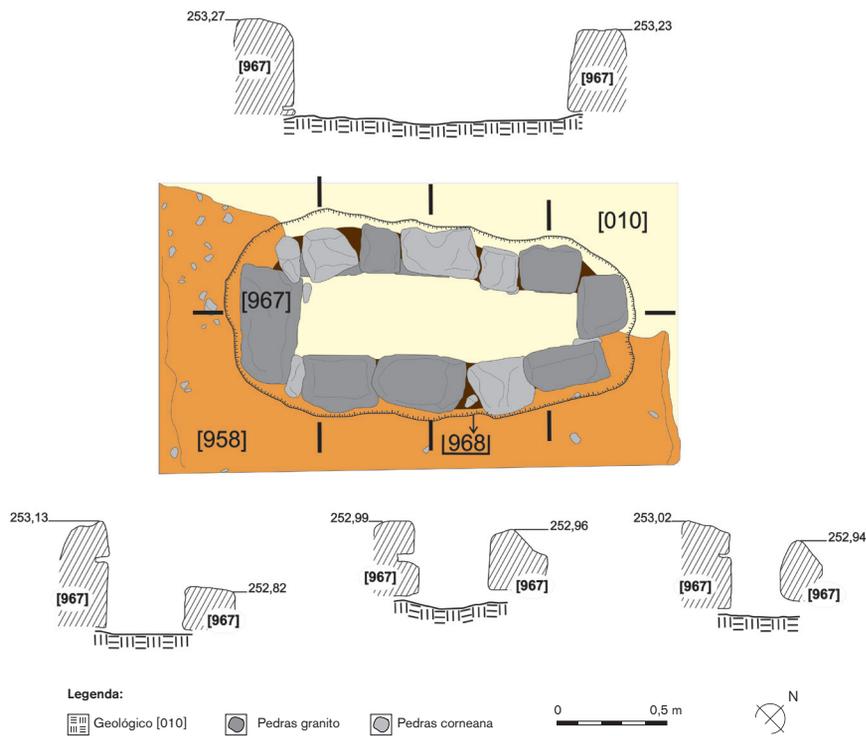


Figura 20. Desenho da sepultura 8 da necrópole medieval do Castro de São Domingos.

A sepultura 11, à semelhança das sepulturas 14 e 15, foi muito perturbada pelas ações de plantio em Época Contemporânea, que truncaram cerca de metade do sepulcro, afetando particularmente a zona da cabeceira. Desta sepultura não foi recolhido qualquer tipo de material cerâmico, sendo, no entanto, a única com vestígios materiais coevos da inumação, designadamente uma fivela em bronze, com diâmetro máximo de 2 centímetros, recolhida na base da unidade e a escassos centímetros do nível geológico, e possivelmente relacionada com a indumentária do indivíduo aqui enterrado.



Figura 21. Fivela em bronze recolhida na sepultura 11 da necrópole medieval do Castro de São Domingos (Marques, 2021).



Figura 22. Sepultura 11 da necrópole medieval do Castelo de São Domingos. Plano final.

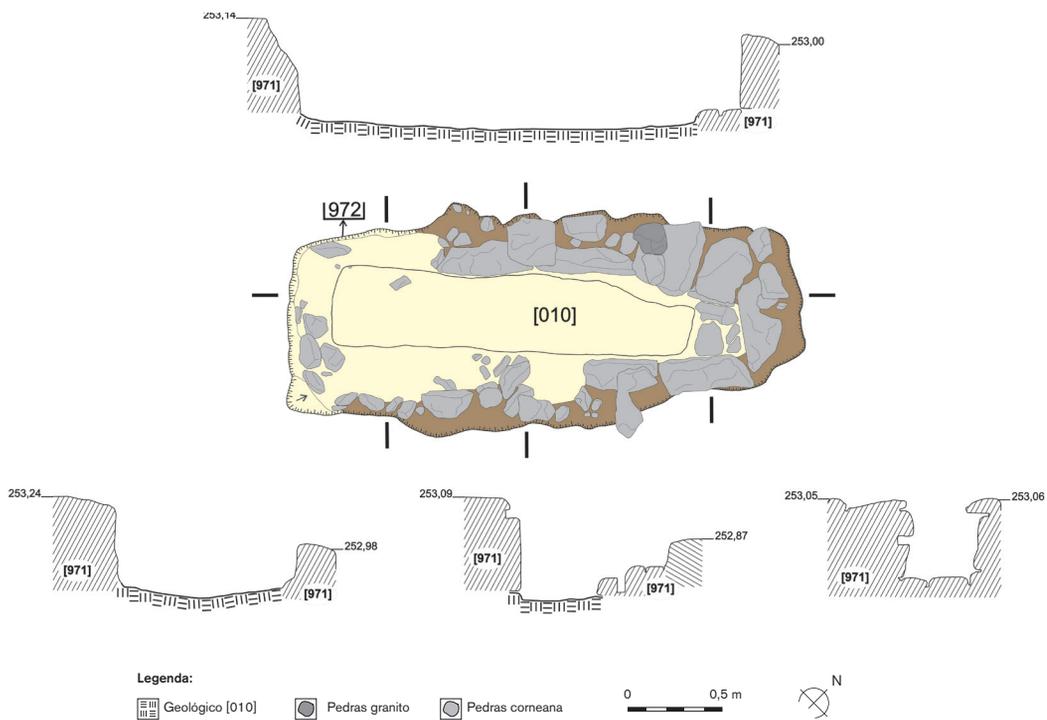


Figura 23. Desenho da sepultura 11 da necrópole medieval do Castelo de São Domingos.

A sepultura 12 (2 m x 0,80 m) apresentava ainda a totalidade das lajes de cobertura, composta por um total de seis pedras de granito de grandes dimensões, com pedras de pequenas dimensões a preencher os espaços. A remoção das lajes de cobertura permitiu perceber a presença de dois níveis deposicionais, bem como as dimensões e estrutura interna do sepulcro. Trata-se de uma composição com recurso a pedras de granito, com ocasionais litologias de corneana de média dimensão. Foi igualmente perceptível o reaproveitamento de pedras, designadamente na cabeceira, onde se constatou a presença de um umbral de porta ou janela.



Figura 24. Sepultura 12 da necrópole medieval do Castro de São Domingos. UE 912.



Figura 25. Sepultura 12 da necrópole medieval do Castro de São Domingos. Plano final.

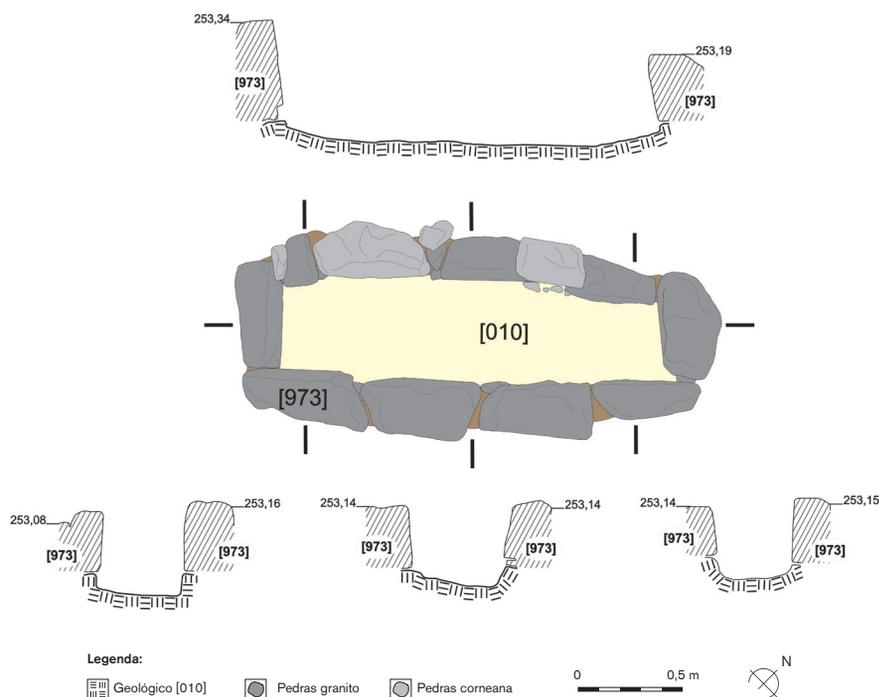


Figura 26. Desenho da sepultura 12 da necrópole medieval do Castro de São Domingos.

A sepultura 13 (1,88 m x 0,60 m), à semelhança da 12, apresentava-se não violada e ainda com a totalidade das lajes de cobertura *in situ*. Composta por cinco pedras de granito de grandes dimensões, ostentava pedras de pequenas dimensões a preencher os espaços. A remoção das lajes de cobertura permitiu perceber a arquitetura interna do sepulcro, verificando-se o reaproveitamento de diversas pedras provenientes de área arqueológica envolvente.



Figura 27. Sepultura 13 da necrópole medieval do Castro de São Domingos. UE 975.



Figura 28. Sepultura 13 da necrópole medieval do Castro de São Domingos. Plano final.

A sepultura 14 corresponde ao sepulcro em pior estado de preservação da necrópole. Com efeito, a sepultura preserva apenas parte da última fiada de pedras, tendo sido profundamente afetada pelas ações de plantio de Época Contemporânea. Da sua escavação resultou a identificação de duas unidades muito heterogéneas, das quais não foi recolhido qualquer tipo de espólio.

A sepultura 16 apresentava parte das lajes da tampa de cobertura. Esta era composta por duas pedras de granito de média e grande dimensão, localizadas nos pés do sepulcro. A remoção das lajes revelou uma estrutura edificada com recurso a pedras de granito e corneana, com reaproveitamento de material litológico talhado.



Figura 29. Sepultura 14 da necrópole medieval do Castro de São Domingos. Plano final.



Figura 30. Sepultura 16 da necrópole medieval do Castro de São Domingos. Plano final.

A sepultura 17 encontrava-se preenchida por cinco unidades deposicionais. A sua escavação revelou uma realidade profusamente alterada e sem vestígios relacionados com o enterramento. Dadas as suas reduzidas dimensões, este sepulcro aparenta corresponder a um enterramento de um indivíduo não adulto, à semelhança da sepultura 8.

Finalmente, no que respeita à fase III, a derradeira época de ocupação da necrópole, as sepulturas 9 e 10 são as mais recentes, assentando sobre depósitos que, por sua vez, se encontram sobre as sepulturas 2, 6, 7, 11 e 12.



Figura 31. Sepultura 17 da necrópole medieval do Castro de São Domingos. Plano final.



Figura 32. Sepulturas 9 e 10 da necrópole medieval do Castro de São Domingos.

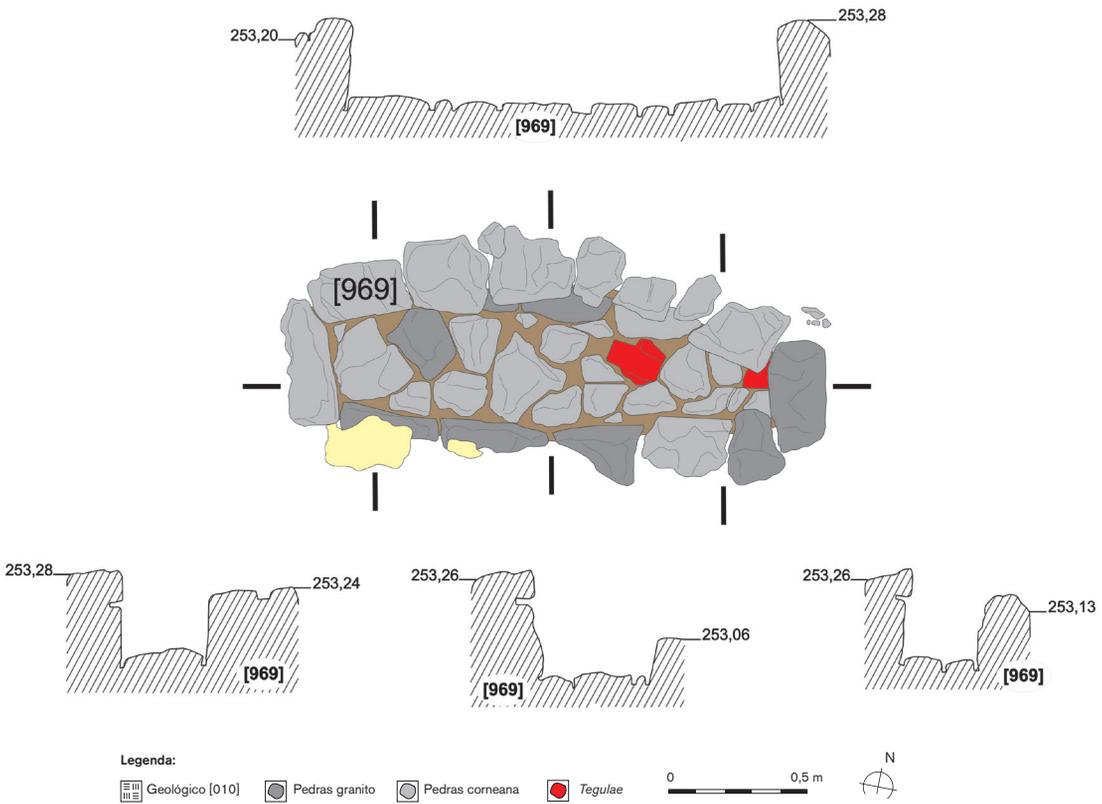


Figura 33. Desenho da sepultura 9 da necrópole medieval do Castro de São Domingos.

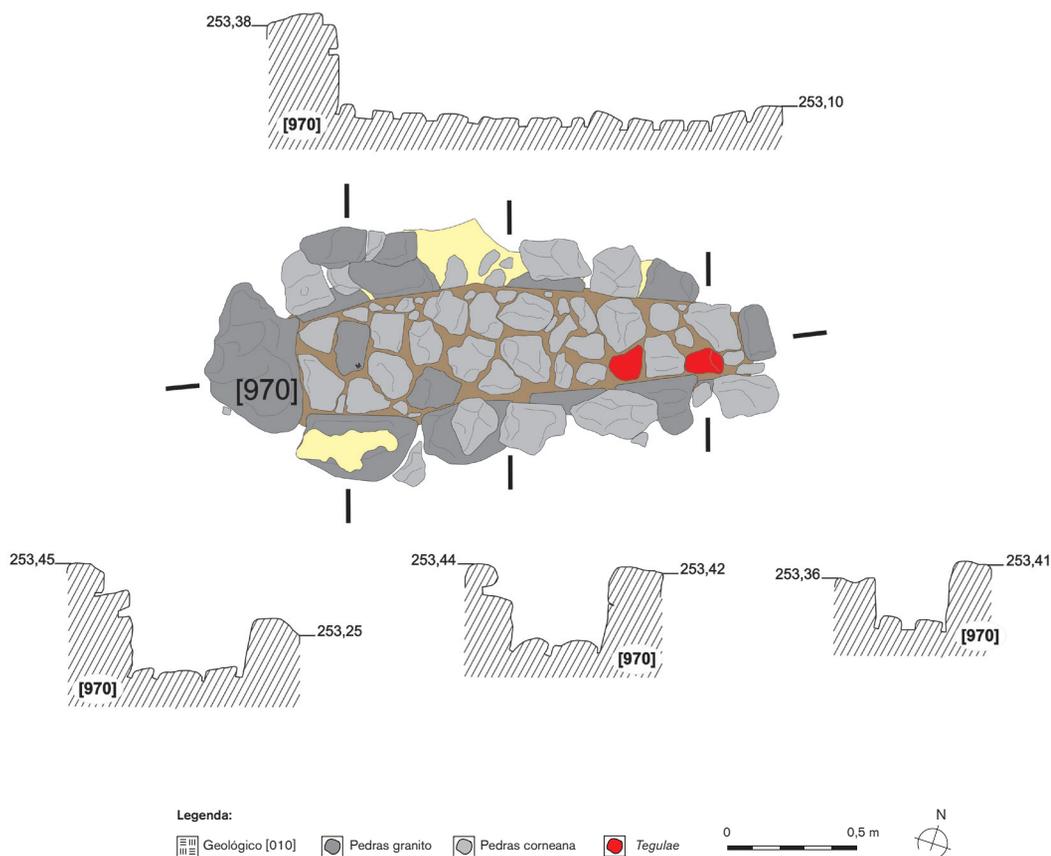


Figura 34. Desenho da sepultura 10 da necrópole medieval do Castro de São Domingos.

A sepultura 9 estava preenchida por dois depósitos. Apresenta base composta por diversas pedras de corneana e de granito de pequena e média dimensão e por ocasionais fragmentos de pequena dimensão de *tegulae*. Já a sepultura 10 revelou igualmente um preenchimento com dois depósitos. A sua base, à semelhança da sepultura anterior, é composta por diversas pedras de corneana e de granito de pequena e média dimensão, entre as quais um fragmento de mó de vaivém. Salienta-se ainda a presença de fragmentos de pequena dimensão de *tegulae*.

6. Discussão dos resultados

Presumivelmente de inumação individual, as sepulturas da necrópole da Casa Romana apresentam, *grosso modo*, uma orientação canónica (sepulturas 1 a 8 e 11 a 17 com orientação sudoeste-nordeste e sepulturas 9 e 10 com orientação oeste-este⁶), para além da ausência de oferendas e de um total anonimato, em linha com o pensamento vigente na Época Alto-Medieval, em que a conceção coletiva de destino e de espaço cemiterial sagrado relativiza o espaço sepulcral individual (Santos, 1992, p. 35; Branco e Vieira, 2008, p. 142).

Para além de receberem os enterramentos, as sepulturas parecem ter sido preenchidas com sedimento (pelo menos assim parece nas sepulturas com tampa ainda completa e que não tinham sido violadas), pelo que a decomposição dos tecidos moles e ósseos terá ocorrido em espaço preenchido. Os sepulcros intervencionados partilham, como vimos, a ausência de espólio votivo, com a exceção da fivela em bronze recolhida na sepultura 11, e registam uma total ausência de materiais osteológicos. Para além das violações da maioria das sepulturas escavadas, uma das principais razões para a ausência total de ossos e dentes humanos será a reconhecida acidez dos solos graníticos, que acelera as alterações tafonómicas, que resultam na destruição muitas vezes completa do material osteológico humano, tal como acontece na necrópole da Casa Romana do Castro de São Domingos. Isto limita sobremaneira o estudo da população inumada na necrópole, uma vez que impede qualquer tipo de análise (*e.g.*, avaliação do perfil biológico, datação, dieta) àquele que seria aqui o maior objeto de estudo deste trabalho: o esqueleto humano.

Relativamente ao eventual espólio arqueológico (como cerâmica ou metais), a sua ausência poderá ser reflexo do próprio ritual funerário, onde o morto foi colocado sem qualquer tipo de espólio. Esta prática funerária é frequente em necrópoles alto-medievais de regiões interiores, onde as populações teriam certamente poucos recursos, sendo os existentes canalizados para a construção da estrutura tumular (Martins, Lopes e Cardoso, 2014, p. 293).

A escavação revelou uma necrópole de carácter relativamente homogéneo em termos de arquitetura sepulcral e com um nível cuidado em matéria de estruturação espacial. De facto, embora a área dedicada à inumação tenha sido alvo de uma utilização intensa ao longo de diferentes fases, verifica-se uma articulação cuidada das sepulturas, o que se traduz na quase ausência de situações de afetação entre estruturas de cronologias distintas.

Não sendo manifestas, subsistem, todavia, algumas diferenças estruturais no conjunto das sepulturas estudadas, o que permite uma aproximação a diferentes tipologias, tendo por base a classificação proposta por Gisela Ripoll (1996). À exceção das sepulturas 4, 5 e 7, cujo enquadramento tipológico ainda não é possível aferir, registam-se

⁶ A orientação de uma sepultura seria obtida tendo em conta o nascer e o pôr-do-sol, pelo que é possível encontrar enterramentos que, embora apresentando uma orientação genérica oeste-este, revelem ligeiros desvios axiais com amplitudes máximas de 40° (Barroca, 1987, p.123).

tumulações enquadráveis nas seguintes tipologias definidas por Ripoll (1996, pp. 219-224) para a arquitetura funerária na Hispânia, entre os séculos V e VIII:

Tipologia VII A – Sepulturas construídas com pedras de pequena e média dimensão, com lajes de cobertura de grandes dimensões. É o caso das sepulturas 2, 6 e 16, em que as lajes de cobertura se encontram parcialmente presentes, e das sepulturas 12 e 13, que apresentam a totalidade das lajes de cobertura. No que respeita às sepulturas 1, 3, 8, 11, 14 e 17, ainda que nas mesmas não tenham sido identificadas lajes de cobertura, a similitude construtiva destes sepulcros face aos anteriores permite a assunção de uma tipologia semelhante.

Tipologia VII B – Sepulturas construídas com pedras de pequena e média dimensão, com lajes de cobertura de grandes dimensões, em que a base está pavimentada com pedras de pequenas dimensões e ocasionais fragmentos de *tegulae*. A necrópole apresenta somente dois sepulcros – 9 e 10 – com estas características, embora já sem as respetivas lajes de cobertura.

Tipologia III B – Sepulturas totalmente edificadas em *tegulae*, de tradição romana, onde cabe apenas a sepultura 15. Com efeito, e não obstante o seu mau estado de preservação, esta sepultura corresponde a um sepulcro com características díspares das demais. A escavação revelou unicamente a base da sepultura, neste caso edificada com recurso a grandes fragmentos de *tegulae* invertidos e ladeados por pequenas pedras destinadas a calçar as *tegulae* que definiriam, verticalmente, as paredes laterais. Quer as paredes quer a cobertura terão sido alvo de ações intrusivas relacionadas com práticas agrícolas, que, de resto, se encontram vincadas em toda a área de escavação.

A intervenção arqueológica atestou que as sepulturas desta necrópole se apresentam sequenciadas paralelamente, com distâncias reduzidas entre si. O afastamento máximo registado é de 0,40 metros e, no caso das sepulturas 1, 2 e 6, é mesmo inexistente. As sepulturas foram sendo sucessivamente alinhadas, sugerindo uma organização distribuída por dois conjuntos. O primeiro – A – é constituído pelas sepulturas 1, 2, 3, 6, 7, 11 e 12, e ainda pelos túmulos 9 e 10, mesmo que associados a este conjunto num momento subsequente; o segundo – B – é composto pelas sepulturas 8, 13, 14, 16 e 17. Quanto às sepulturas 4 e 5, presentes no limite sudoeste da área intervencionada, apesar de não se encontrarem totalmente delimitadas, parecem, contudo, configurar um terceiro conjunto de sepulcros – C –, que apenas poderá ser validado com a prossecução dos trabalhos.

Entre os conjuntos A e B prevalece o sepulcro 15, isolado e aparentemente ostentando uma posição de centralidade a partir do qual os restantes enterramentos se foram organizando. A estrutura evidencia um afastamento equidistante de ambos os conjuntos, com um intervalo aproximado de 1 e 2 metros, respetivamente. A tal não deve ser alheio o facto de se tratar, como vimos, de uma sepultura com características construtivas distintas, o que poderá significar uma intenção de hierarquização do espaço cemiterial em função de um núcleo primordial de enterramento, seja ele associado a uma via ou a um templo.

Com efeito, a proximidade de vias é por vezes apontada como condicionante para a localização e orientação de sepulturas rupestres, um pouco à semelhança das

inumações em necrópole junto às vias, como era uso entre os romanos. O mesmo parece acontecer ainda ao longo da Idade Média (Barroca e Morais, 1983, p. 99, nota 16). Sobre tudo durante a Época Romana, os espaços funerários eram intencionalmente mantidos distanciados do mundo dos vivos, sendo destinados aos locais de trânsito e passagem.

O afastamento do corpo do defunto do espaço dos vivos, tem as suas raízes na concepção pagã da morte. A presença de um morto podia ser nefasta para os vivos já que o seu espírito permanecia junto do corpo, coexistindo num mesmo espaço – o da sepultura – e podendo, virtualmente, importunar a ordem dos vivos (Barroca, 1987, p. 9).

O cristianismo, por seu turno, não obsta à proximidade dos mortos com o *habitat* (Baumgartner, 2001, p. 116), uma vez que o “espírito, transmutado em alma, deixa a vida terrena para alcançar a eternidade” (Vieira, 2004, p. 76, nota 53). Contudo, esta alteração no quadro mental das primitivas comunidades cristãs foi um processo longo e lento: “os povos germânicos mantiveram um mesmo divórcio entre necrópoles e habitat, pelo que o Ocidente europeu só viu este processo de assimilação dos dois espaços únicos ser definitivamente generalizado no século VIII ou IX [...]” (Barroca, 1987, p. 12). Embora esta assunção não invalide a sua estruturação em torno de um templo paroquial primitivo, à laia de *tumulatio apud ecclesiam* (Aries, 2000, pp. 53-56), a verdade é que esta nítida intenção de organização da necrópole da Casa Romana, que sugere algum tipo de “supervisão” eclesiástica, não prova, *per se*, a existência de uma organização paroquial que aglutinasse em torno de um espaço cemiterial único todos os enterramentos (Vieira, 2004, p. 78). De facto, no Entre-Douro-e-Minho, mesmo considerando o pressuposto de que uma aproximação ao espaço religioso facilitaria a salvação da alma (Baumgartner, 2001, p. 116; Tente e Lourenço, 2002, p. 210), o enterramento à roda dos templos paroquiais parece ter sido um fenómeno mais tardio, que se tende a generalizar apenas no final da Alta Idade Média. Até lá, é possível que uma mesma paróquia possuísse diferentes espaços de enterramento ou um único, embora não obrigatoriamente localizado em torno do seu templo (Barroca, 1987, p. 129)⁷.

Uma das grandes interrogações que resulta das campanhas de escavação até agora realizadas (e que continua em aberto) é a do enquadramento cronológico da necrópole. Com base nas características formais de algumas das sepulturas da necrópole da Casa Romana é possível estabelecer paralelos com exemplares estudados noutras necrópoles intervencionadas em território nacional. É o caso dos sepulcros da necrópole de Vale de Condes, em Alcoutim (Inácio, 2010, p. 209), da necrópole de Vale dos Sinos, em Mogadouro (Lemos e Marcos, 1984), da necrópole de São Caetano, em Chaves (Lemos, 1987), ou, em particular, das necrópoles do Laranjal de Cilhades, em Torre de Moncorvo (Santos, *et al.*, 2016), e de São Miguel, em Caldas de Vizela (Queiroga, 2013, p. 186; Are-

⁷ A escolha do local de implantação da necrópole parece ser também o resultado de um conhecimento prévio das condições naturais do local, nomeadamente a sua componente geológica. Na verdade, todas as sepulturas intervencionadas localizam-se num afloramento de corneanas pelíticas limitado a este e oeste por massas granitoides (Novais, *et al.*, 2014, p. 212), cujas características de desagregação possibilitaram uma fácil abertura das sepulturas.

zes, 2017, pp. 217-222). Esta última, localizada a norte da necrópole da Casa Romana, no vizinho concelho de Vizela, dista menos de 12 quilómetros e apresenta uma ocupação que medeia entre o século VI e VII (Arezes, 2017, pp. 220-221). De acordo com a investigadora responsável pela intervenção na necrópole de São Miguel, os 14 sepulcros identificados foram construídos com blocos de granito de média a grande dimensão, muitos deles resultando de elementos arquitetónicos romanos reaproveitados, com as respetivas bases a exibirem ladrilhos ou diretamente o substrato geológico (Arezes, 2017, pp. 219-220). Particularmente revelador é o facto de a investigadora referir a existência de sepulcros que exibem uma “inquestionável conexão”, compartilhando uma das paredes (Arezes, 2017, p. 220). Esta situação é igualmente perceptível na necrópole da Casa Romana, onde a construção da sepultura 2 é claramente posterior às sepulturas 1 e 6, tendo esta aproveitado as paredes das anteriores, ainda que isso tenha resultado num menor cuidado e qualidade da mesma, particularmente na zona da cabeceira, no contacto com a sepultura 6. No caso da necrópole de São Miguel, para além da eventual escassez de materiais e falta de espaço, a autora aponta a possibilidade de os indivíduos inumados em sepulcros com uma ligação física terem partilhado um vínculo de natureza familiar. Esta última hipótese parece-nos igualmente verosímil para os indivíduos inumados nas sepulturas 2 e 6, uma vez que nem a ausência de materiais nem a falta de espaço justificam esta opção.

Um outro paralelo interessante, pelas características tipológicas de boa parte das sepulturas escavadas é o da necrópole do Laranjal de Cilhades, em Torre de Moncorvo. A principal diferença entre ambas estará na matéria-prima utilizada (o xisto no Laranjal de Cilhades, a corneana e o granito na Casa Romana de São Domingos), mas perfeitamente justificável pelo aproveitamento local das diferentes geologias em ambas as necrópoles. Também no Laranjal de Cilhades temos um conjunto de sepulturas caracterizado como verdadeiras caixas sepulcrais, tendencialmente retangulares e/ou trapezoidais, com lajes a erigir as paredes e a cobertura que, tal como em Lousada, acompanham transversalmente o eixo maior de vários sepulcros (Santos, *et al.*, 2016). Os autores enquadram cronologicamente a necrópole entre os séculos VI e XIII, através de duas datações por radiocarbono, atribuindo, no entanto, uma cronologia mais antiga às sepulturas em caixa dentro daquele espetro cronológico. Também no Laranjal de Cilhades foi encontrado escasso espólio associado aos enterramentos, para além de ter sido registado aquilo que parece ter sido um muro delimitativo do cemitério (Santos, *et al.*, 2016), o que está de acordo também com a estrutura identificada em Lousada (e já descrita atrás), que parece ter tido as mesmas funções.

7. Considerações finais

Não obstante as múltiplas incertezas e questões colocadas pelo conjunto funerário em análise, a conjugação das características elencadas leva-nos a apontar para um conjunto de inunicações entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média, portanto, cronologicamente balizável entre os séculos V e VII.

A sua utilização ter-se-á iniciado após o abandono do povoado, entre o século IV e V, uma vez que parte dos sepulcros afetaram realidades arqueológicas de anteriores ocupações antrópicas relacionadas com a Idade do Ferro (sepulturas 1, 3, 4 e 7), sendo igualmente perceptível que a quase totalidade dos mesmos foi erigida com recurso a elementos arquitetónicos removidos de anteriores estruturas habitacionais de cronologia romana. Ainda neste ponto, importa salientar a singularidade da sepultura 15 no contexto da necrópole da Casa Romana. Apesar de lhe aventarmos um caráter fundacional e, portanto, de hierarquização do espaço, tal não invalida outras hipóteses explicativas da sua peculiaridade, designadamente a possibilidade de nos encontrarmos perante uma tumulação que visa, pela diferenciação arquitetónica, a distinção social. Por outro lado, a aparente ausência de vestígios materiais de um templo agregador, em torno do qual se polarize a necrópole, não pode deixar de nos remeter, em hipótese, e considerando a fase atual dos trabalhos arqueológicos ainda em curso, para um contexto de tradição cemiterial em torno de uma via, possibilidade para a qual parece concorrer a sobrevivência, neste lugar, do topónimo Almas.

Apesar do aparente silêncio dos dados arqueológicos, estas e outras dúvidas que rodeiam a organização espacial, tipificação das arquiteturas funerárias e cronologia da necrópole apenas poderão obter clarificação em função da prossecução dos trabalhos arqueológicos e do alargamento da escavação na área envolvente à necrópole da Casa Romana do Castro de São Domingos por via do projeto de investigação “Escavação, estudo e musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos” (Fase 2).

Referências bibliográficas

- Academia das Ciências de Lisboa, ed. lit., 1888-1897. *Portvgaliae monvmenta historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum... Inquisitiones. Volume I*, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- Alarcão, A. M., 1958. Sigillata hispânica em museus do Norte de Portugal. *Revista de Guimarães*, 68 (3-4), pp. 249-315.
- Arezes, A., 2017. *O mundo funerário na Antiguidade Tardia em Portugal: As necrópoles dos séculos V a VIII. Volume I*. Porto: Edições Afrontamento, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.
- Aries, P., 2000. *O Homem perante a morte. Volume 1*. Mem-Martins: Europa América.
- Barroca, M. J., 1987. *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV)*. Dissertação para Provas Públicas de Capacidade Científica. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.
- Barroca, M. J., 2000. *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422). Volume II, Tomo I*. Lisboa: FCG/FCT.
- Barroca, M. J. e Morais, A. C., 1983. Sepulturas medievais na terra de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar). *Arqueologia*, 8, pp. 92-101.
- Batista, A. e Gaspar, F., 2000. A necrópole medieval do adro velho de S. Vicente. In: V. O. Jorge, coord., 2000. *3.º Congresso de Arqueologia Peninsular: Arqueologia da Idade Média da Península Ibérica. Volume 7*. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular (ADECAP).
- Baumgartner, M., 2001. *A Igreja no Ocidente Medieval: das origens às reformas no século XVI*. Lisboa: Edições 70.
- Branco, G. e Vieira, M. A., 2008. Outeiro do Vale: sepulturas de Nogueira de Côta (Côta, Viseu). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 34, pp. 125-146.
- Cardozo, M., 1947. *Correspondência Epistolar entre Emilio Hubner e Martins Sarmento (Arqueologia e Epigrafia), 1879 – 1899. Coligida e anotada por Mário Cardozo*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- Cardozo, M., 1985. *Catálogo do Museu de Martins Sarmento. Secção de Epigrafia Latina e de Escultura Antiga*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- Costa, A. C., 1706. *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, geologias das famílias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens. Tomo primeyro*. Lisboa: na officina de Valentim da Costa Deslandes impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso.
- Dias, L. T., 1997. *Tongobriga*. Lisboa: IPPAR/Ministério da Cultura, Lisboa.
- Dinis, A. P., 2001. *O povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho. Cadernos de Arqueologia 13. Monografias.
- Fontes, L. e Pereira, B., 2009. *Colecção de Epigrafia e de Arquitectura Medievais (séculos IX-XIV). Volume II*. Braga: IHAC-Arquidiocese de Braga.
- Harris, E. C., 1979. *Principios de estratigrafia arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica.
- IGeoE – Instituto Geográfico do Exército, 1998. Carta Militar de Portugal. *Série M888*, Folha n.º 112, 1:25000. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.
- Inácio, I., 2010. Vale de Condes, Alcoutim: um sitio tardo-antigo da Diocese de Ossonoba. *Promontoria*, 7/8, pp. 99-133.
- Lanhas, F., 1971. Lousada: Arqueologia. In: *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura, Volume 12*. Lisboa: Editorial Verbo. pp. 574-575.
- Lemos, F. S., 1987. A Necrópole Medieval de S. Caetano, Chaves. *Cadernos de Arqueologia*, série II, volume 4, pp. 149-176.

Lemos, F. S. e Marcos, D., 1984. A Necrópole Medieval de Vila de Sinos. *Cadernos de Arqueologia*, série II, volume 1, pp. 71-89.

Lemos, P. A. P., 2015. *Projeto de Investigação: Santo Estêvão, Património e Identidade – União de Freguesias de Lustosa e Santo Estêvão de Barrosas – Lousada, Relatório Final*. Arouca: Araducta – Arqueologia, Unipessoal Lda. Policopiado.

Lemos, P. A. P., 2020a. *Escavação, Estudo e Musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos (Cristelos – Lousada) – Relatório da 3.ª Campanha de Trabalhos Arqueológicos*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. Policopiado.

Lemos, P. A. P., 2020b. Requalificação do Adro da Igreja Paroquial de Cristelos (Santo André) (Cristelos – Lousada): Resultados das sondagens de avaliação arqueológica/acompanhamento arqueológico. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 12, pp. 120-135.

Lemos, P. A. P., Nunes, M. e Leite, J., 2015. *A “Casa Romana” do Castro de São Domingos: Intervenção arqueológica e valorização patrimonial – Relatório Final*. Arouca: Araducta – Arqueologia, Unipessoal Lda. Policopiado.

Lemos, P. A. P. e Pereira, G. R., 2017. *Escavação, Estudo e Musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos (Cristelos – Lousada) – Relatório da 1.ª Campanha de Trabalhos Arqueológicos*. Arouca: Araducta – Arqueologia, Unipessoal Lda. Policopiado.

Lemos, P. A. P. e Pereira, G. R., 2018. *Escavação, Estudo e Musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos (Cristelos – Lousada) – Relatório da 2.ª Campanha de Trabalhos Arqueológicos*. Arouca: Araducta – Arqueologia, Unipessoal Lda. Policopiado.

Martins, A., Lopes, G. e Cardoso, M., 2014. Intervenção arqueológica nas necrópoles do Monte da Pecena 1 e Cabida da Raposa 2. 4.º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. *O Plano de Rega (2002 – 2010). Memórias d’Odiãna*, 2.ª Série, pp. 289-294.

Martins, M., 1988. *Povoado fortificado do Lago, Amares*. Braga: Universidade do Minho. Cadernos de Arqueologia 1. Monografias.

Martins, M., 1990. *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Braga: Universidade do Minho. Cadernos de Arqueologia. Monografias.

Mendes-Pinto, J. M. S., 1992. *Património Arqueológico de Lousada. Plano Diretor Municipal de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal. Policopiado.

Mendes-Pinto, J. M. S., 2008. Do castro de S. Domingos a Meinedo: Proto-história e Romanização na bacia superior do rio Sousa. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, número especial, pp. 45-63.

Miranda, A. (1937). Sepulturas medievais. *Terras de Penafiel*, volume I, pp. 5-14.

Novais, H., Lemos, P., Leite, J., Nunes, M., 2014. As rochas do edificado da “Casa Romana” (Cristelos – Lousada). Variação cronológica da sua tipologia e origem. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 7, pp. 211-216.

Nunes, M. e Lemos, P., 2012. Arqueologia da morte no concelho de Lousada: tumulações medievais na Igreja de Santa Maria de Alvarenga. Suplemento de Arqueologia da *Revista Municipal de Lousada*, Ano 13, 3.ª série, 100, pp. 1-4.

Nunes, M., Lemos, P., Leite, J., Novais, H. e Oliveira, A., 2011. Estruturas negativas da “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Lousada): as fossas escavadas no saibro. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 5, pp. 61-84.

Nunes, M., Sousa, L. e Gonçalves, C., 2006. Sepulturas medievais escavadas na rocha no concelho de Lousada: o cemitério rupestre do Irmeiro (Boim). *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 1, pp. 47-67.

Nunes, M., Sousa, L. e Gonçalves, C., 2008a. *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: Gabinete de Arqueologia – Câmara Municipal de Lousada.

Nunes, M., Sousa, L. e Gonçalves, C., 2008b. Vestígios funerários da época medieval no território de Lousada. Suplemento de Arqueologia da *Revista Municipal de Lousada*, Ano 9, 3.ª Série, 49, pp. 1-4.

Peixoto, F. A., 1913. Louzada, sua origem ou antiguidade. *Jornal de Louzada*, 25 de maio, p. 1.

Leal, A. S. A. B. P., 1874. *Portugal antigo e moderno: Diccionario Geographico, Estatístico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias. Se estas são notaveis, por serem patria d'homens celebres, por batalhas ou noutros factos importantes que nellas tiveram logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qual-quer natureza, alli existentes. Noticia de muitas cidades e outras povoações da Lusitania de que apenas restam vestígios ou somente a tradição. Volume II.* Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & C.ª.

Marques, I., 2021. *[Fivela em bronze recolhida na sepultura 11 da necrópole medieval do castro de São Domingos]*. [fotografia] (Braga, Museu D. Diogo de Sousa).

Miranda, A., década de 1940a. *[Estela funerária proveniente de Santo Tirso de Meinedo]*. [fotografia] (Penafiel, Museu Municipal de Penafiel).

Miranda, A., década de 1940b. *[Lápide funerária proveniente de Santo Tirso de Meinedo]*. [fotografia] (Penafiel, Museu Municipal de Penafiel).

Miranda, A., década de 1940c. *[Lápide funerária proveniente de Santo Tirso de Meinedo]*. [fotografia] (Penafiel, Museu Municipal de Penafiel).

Queiroga, F. M. V. R., 2013. Algumas notas sobre a arqueologia da área urbana de Vizela. *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*, volume XII, pp. 181-201.

Ripoll, G. L., 1996. La arquitectura funeraria de Hispania entre los siglos V y VIII: aproximación tipológica. In: Universitat de Barcelona, coord., 1996. *Espania. Estudios d'Antiquitat Tardana Oferts en Homenage al Professor Pere de Palol I Salellas*. Barcelona: Abadia de Montserrat.

Rodrigues, M. A. e Rebanda, N., 1998. Cerâmicas medievais do povoado desertificado de Sta. Cruz da Vilarça. In: Câmara Municipal de Tondela, coord., 1998. *2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela

Santos, A. C. C. F., 1992. Contributo para o estudo das sepulturas rupestres do monte do Senhor da Boa Morte. *CIRA: Boletim Cultural*, 5, pp.13-48.

Santos, F., Rossello, M., Santos, C., Carvalho, L. e Rocha, F., 2016. Aspetos da Morte no Vale do Sabor. O Mobiliário Funerário Tardo Antigo das Inumações do Laranjal de Cilhades (Felgar, Torre de Moncorvo). Achegas à Cronologia de uma necrópole de Longa Duração. *Arqueologia Medieval*, 13, pp. 17-33.

Sarmiento, F. M., 1999. *Antiqua. Apontamentos de Arqueologia (Leitura e organização de António Amaro das Neves)*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento.

Silva, A. C. F., 1986. *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Silva, J. F. T. M., 2021. *[Ortofotografia da área correspondente à necrópole medieval do castro de São Domingos]*. [ortofotografia] (Lousada, Arquivo pessoal de João Fernando Teixeira Marques Silva).

Sousa, L., 2016. Trabalhos arqueológicos no adro da Igreja do Salvador de Aveleda (Lousada): primeiros resultados. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 9, pp. 53-82.

Sousa, L., Nunes, M. e Gonçalves, C., 2006. Sarcófagos do concelho de Lousada: notas para um inventário. Suplemento da *Revista Municipal de Lousada*, Ano 7, 3.ª Série, 38, pp. 3-4.

Tente, C. e Lourenço, S., 2002. Sepulturas Medievais do Distrito de Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 5, 1, pp. 239-258.

Vieira, J. A., 1887. *O Minho Pittoresco. Tomo II*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira.

Vieira, M. A., 2004. *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.